



TRANSCENDENDO OS SENTIDOS COMPREENDENDO A LINGUAGEM

SILVA, Stefani Cavalheiro¹

BASSO, Berenice Geschwind²

NASCIMENTO, Rosângela Conceição Gomes³

Resumo: O presente artigo pretende empreender um olhar sobre as práticas de alfabetização realizadas em escola pública, como parte dos objetivos do PIBID, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Mais especificamente, busca discutir teoria e prática num processo reflexivo com o aporte dos estudos desenvolvidos na academia. Trata-se de um aprofundamento de saberes indispensáveis ao pedagogo, para promover o desenvolvimento de capacidades das crianças plenamente durante a trajetória profissional. Ao longo do artigo procura-se fazer um cruzamento das análises realizadas a partir dos fatos, momentos, ações e procedimentos ocorridos em salas de aula com o suporte teórico em Freire (2001), Beauchamp (2007), Ferreiro, (1999) entre outros.

Palavras Chave: Alfabetização. Desenvolvimento. Desafio.

***Abstract:** This article intends to undertake a comparative study of literacy practices undertaken in public school, as part of the goals of the PIBID, Institutional Scholarships Program initiation into Teaching. More specifically, it seeks to discuss theory and practice in a reflective process with the contribution of the studies developed at the Academy. It is a deepening of knowledge essential to the educator, to promote the development of children's capacities fully during the professional career. Throughout the article seeks to make a crossing of the analyses carried out on the basis of the facts, moments, actions and procedures that occur in classrooms with theoretical support in Freire (2001), Beauchamp (2007), Blacksmith, (1999) among others.*

Keywords: Literacy. Development. Challenge.

Traduzindo a essência

O fio condutor deste artigo está na reflexão necessária para que possamos crescer pessoal e profissionalmente percebendo as possibilidades de melhorias que podem ser desencadeadas quando as pessoas se propõem a pensar, a discutir, a analisar. Mas não uma análise vazia, permeada de uma crítica arrasadora, ao contrário, uma análise recheada de

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da UNICRUZ, bolsista PIBID- stefanisilva1000@gmail.com

² Coordenadora da Área de Pedagogia PIBID- Universidade de Cruz Alta - berebasso@terra.com.br

³ Supervisora PIBID E.E.E.B. Margarida Pardelhas – Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Humanos e Pedagógicos da UNICRUZ. mascimento@unicruz.edu.br



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

elementos constitutivos que possam servir para mediatizar o que existe com o que pode existir. Uma análise capaz de levar a uma transformação. Transformação através da palavra, do diálogo, da criação. Assim, os olhares empreendidos sobre um *locus* institucional, especificamente sobre os fazeres dos processos de alfabetização partem do princípio de que como educadores, devemos, refazer-nos constantemente como detentores de uma concepção problematizadora de educação. Este é o desafio do momento. Observar para perceber. Analisar para crescer. Problematizar para compreender.

Acredita-se que a aprendizagem não pode reduzir-se a uma série de habilidades específicas, nem às práticas metodológicas que o professor desenvolve. É preciso compreender o verdadeiro processo de construção dos conhecimentos como forma de superar o reducionismo de posturas pedagógicas até então. Todo enfoque teórico (e toda prática pedagógica) depende de uma concepção sobre a natureza do conhecimento, assim como da análise do objeto sobre o qual se realiza o conhecimento. A criança, ao construir seu conhecimento alfabético através de hipóteses e interações com os outros e com o meio, evidencia desafios ao professor para a utilização de metodologias que visem o letramento no processo alfabetizador.

Este estudo tem por finalidade apresentar os resultados parciais de uma pesquisa de campo. Tal pesquisa integra o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência na UNICRUZ. A área de Pedagogia focaliza diretamente a alfabetização e suas especificidades, objetivando conciliar teoria a práxis em instituições de ensino concretas, com alunos reais, de modo que se possa contribuir para um avanço significativo no campo da alfabetização por intermédio da ação reflexão ação.

Pormenores e minúcias

É de extrema relevância no período de formação acadêmica a possibilidade de vislumbrar na prática as teorias estudadas na academia. Esta alternativa alimenta a postura pesquisadora para aqueles que se permitem uma busca enquanto explorador em uma realidade concreta. Os benefícios são múltiplos resultando em um imenso amadurecimento profissional e pessoal.

Aguçar os sentidos e ampliar a visão para reflexões pertinentes sobre assuntos importantes no campo educacional são os primórdios de uma caminhada por terrenos reais e



essenciais pelos quais os educadores devem percorrer. Nesse sentido, Freire (2001, p.32) sinaliza:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino... Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Sendo assim, na educação as engrenagens giram em torno deste universo de acordo com as necessidades de cada momento, uma construção genuinamente social. As teorias, concepções e práticas em períodos determinados e determinantes sofrem transformações, uma vez que, com os avanços da sociedade e diante de novos valores e percepções culturais a educação concomitantemente prevê reciclagens e reconstruções permanentes para que possa acomodar as mudanças e assim alcançar seus objetivos primordiais: a aprendizagem e o desenvolvimento de seus educandos.

Discute-se muito a respeito de métodos de ensino, linhas pedagógicas e a prática dos professores. Especialistas passam anos a fio estudando teorias e avaliando em tese o que funciona e o que pode ser melhorado. A única certeza que temos é que em educação nada pode ser absoluto ou generalizado, não somos uma ciência exata, trabalhamos com pessoas e realidades diversas e muitas vezes contraditórias.

O trabalho executado até aqui não pode ser descartado, pelo contrário as novas percepções só são possíveis quando as antigas sobreviveram tempo suficiente para comportar melhorias. Ainda em Freire (2001, p. 31):

Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro antes que foi novo e se fez velho e se "dispõe" a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente.

Para continuar na trajetória de construções de conhecimento adentramos no âmago desta escola para visualizarmos suas práticas na área da alfabetização, num momento onde a educação encontra-se fragilizada e ávida por inovações que consigam equilibrar todas as transformações instantâneas promovidas em sociedade. Partindo deste pressuposto, ressaltamos o ensejo de transformar práticas sociais a partir do ato de educar. A alfabetização torna-se então, instrumento básico e fundamental para todos os conhecimentos posteriores na vida escolar. Alfabetizar é um ato de amor e mais do que isso é possibilitar a um ser humano o exercício de sua cidadania. A viabilização desta concepção demonstra-nos que carecemos de reflexões sobre muitas questões: “Quem são as crianças hoje? Tal pergunta é fundamental,



pois encaminha o debate para pensarmos tanto sobre as concepções de infância que orientam as práticas escolares vigentes, quanto sobre as possibilidades de mudança que este momento anuncia”. (BEAUCHAMP, 2007, p. 25).

As crianças continuam transcendendo a alma em seus olhos. Inventam reinventam, montam, desmontam, constroem e reconstroem, significam e ressignificam a cada segundo em cada movimento em todo o seu ser e sentir mediante a interação consigo mesma, com o outro e com o mundo, a cada nova experiência constituem e/ ou modificam seu próprio existir. Experimentando estão abertas às possibilidades.

O mundo das crianças, hoje? Ora, pois, é o nosso mundo. Caímos em um fatalismo dizendo que as crianças mudaram e, pior ainda, reforçamos uma ideia absurdamente enganosa de que os problemas e culpados são as crianças. A infância é uma construção social e esta geração e as posteriores acompanharão ao ritmo que lhes forem apresentados como referência. Chegou o momento de reformularmos as perguntas “o que a criança do nosso século precisa aprender?” Será um aprender desvinculado com a vivência do dia-a-dia? Ou um saber contextualizado que facilite a vida em sociedade, um conhecimento vinculado à prática social da cidadania que fomente os sonhos que ensine a superar dificuldades enfim um “ensinar para a vida” termo repetido inúmeras vezes por Freire em suas obras.

Conforme Cortella (2009)

Estamos fazendo um saque antecipado do futuro. Gastando o futuro por antecipação. De uma forma geral na história humana a geração atual cuida dos recursos, da sobrevivência, da possibilidade de meios de existência, no entanto, a voracidade do nosso cotidiano, a maneira como desmontamos as condições de existência coletiva, na medida em que o ego narcisismo é mais presente em nossa frente nós acabamos esgotando as condições de existência de futuro e inclusive anunciamos isso para as crianças e jovens. Não haverá futuro, não haverá trabalho, não haverá segurança. E nem existe presente porque isso que eles comem não é comida é porcaria, isso que eles ouvem não é música é barulho, isso que eles usam não é roupa é andrágio e tem mais uma coisa, vocês não têm passado eu sim tive infância. (informação verbal) ⁴.

Tratamos as crianças e jovens como problemas a serem solucionados. Entretanto, são perceptíveis os traços da insatisfação acelerada e da impaciência extrema a qual estamos todos acometidos, pois, o mundo “de nosso tempo” encontra-se imerso neste paradigma. Existe uma construção sócio-cultural que arrasta as pessoas por uma correnteza, onde as famílias se

⁴ Reflexões consideradas pelo filósofo e professor da USP Mário Cortella no programa café filosófico (TV cultura) sobre a temática: “A criança em seu mundo” apresentado em 2009.



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

constituem de outra maneira, no trabalho surgem novas exigências e a Escola precisa dar conta de ajustar todos esses novos saberes e novos desafios.

Acabamos sobrecarregando professores e gestores, intitulado-os heróis responsáveis por consertar o mundo, e culpando-os pelo fracasso escolar muitas vezes injusto, uma vez, que existe todo um sistema complexo que nem sempre concretiza determinados fazeres. “Cabe destacar que assumir o desenvolvimento integral da criança e se comprometer com ele não é uma tarefa só dos professores, mas de toda a comunidade escolar.” (BEAUCHAMP, 2007, p. 28). Esta responsabilidade deveria ser compartilhada entre os pais e mães que na maioria dos casos em função do modelo de vida estão ausentes e dedicam pouco tempo aos filhos; entre os profissionais da educação que não buscam a formação continuada e nem amam o que fazem e justificam suas frustrações apenas nos baixos salários; entre a comunidade em geral que escolhe seus representantes e não fiscaliza e nem exige seriedade e comprometimento da esfera pública, municipal, estadual e nacional para a resolução de problemas sociais. Uma educação de qualidade necessita de investimentos significativos e principalmente incentivos e viabilização de novas práticas mediante estudos, pesquisas e principalmente a disseminação de novas concepções.

Questões políticas e econômicas repercutem diretamente na qualidade da educação. Não podemos ignorar que a escola é a linha de frente na constatação de problemas sérios existentes na sociedade e que sozinha não pode e nem poderia dar conta. Necessita de parcerias, da união de vários setores distintos dando suporte na tentativa de melhoria das condições de vida de vários grupos na comunidade. E de modo cada vez mais contundente e atual a voz de Freire alerta-nos para a organização social em que estamos inseridos e que contribui para a educação permanecer com os problemas históricos prevalentes.

Do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvida de que a educação deve ser uma prática imobilizadora e ocultadora de verdades. Sendo que a “democratização” da sem-vergonhice vem tomando conta do país, o desrespeito à coisa pública, a impunidade se aprofundaram e se generalizaram tanto que a nação começou a se pôr de pé, a protestar. Os jovens e os adolescentes também vêm às ruas, criticam, exigem seriedade e transparência. O povo grita contra os testemunhos de desfaçatez. As praças públicas de novo se enchem. Há uma esperança, não importa que nem sempre audaz, nas esquinas das ruas, no corpo de cada uma e de cada um de nós. É como se a maioria da nação fosse tomada por incontida necessidade de vomitar em face de tamanha desvergonha. (FREIRE, 1992, P.10)

Muitos integrantes da rede pública de ensino vão para a sala de aula com fome e frio. Alguns, depois de serem espancados ou violentados pelos pais, que por sua vez possuem



problemas com drogas, desemprego e toda uma série de desencadeamentos que influenciam no desempenho e significado que a escola acaba tendo para estas crianças. Não queremos dizer, de modo algum, que problemas com drogas estão associados à violência ou que estes desdobramentos sejam exclusivos das periferias. O interesse aqui é destacar a relevância e a força das questões sociais na vida de cada indivíduo, o que contribui diretamente para que talvez seja preciso readaptar certas prioridades da educação para que esta possa verdadeiramente fazer a diferença na vida de muitas pessoas.

É entre a população indígena, rural ou marginalizada dos centros urbanos que se encontram as maiores porcentagens dos fracassos escolares... Esta é a realidade: sem uma melhora nas condições de vida da população, dificilmente se poderá mudar tal situação. Trata-se, pois, de condições sociais, e não de responsabilidades pessoais. (FERREIRO, 1999, p.20).

Mediante esta teia social com problemas a serem resolvidos cabe à escola definir seus reais objetivos e caminhar rumo à concretização de suas metas. Para tanto, a contextualização histórico-cultural, o reconhecimento da realidade, bem como, os recursos e falhas sistêmicas precisam ser considerados.

Aguçando o olhar ampliando saberes

Para que possamos começar a entender as práticas realizadas na escola, nosso ponto de partida, enquanto integrante do PIBID – UNICRUZ foi o reconhecimento de estrutura física e um estudo reflexivo acerca de seus textos norteadores. Sendo de extrema importância analisar os objetivos da instituição onde os estudos foram sendo realizados, encontra-se no Projeto Político Pedagógico, dentre seus objetivos (2001):

Promover o crescimento integral do educando, para que se torne capaz de refletir, questionar, discernir e resgatar valores, assumindo de maneira consciente, eficiente e responsável, o papel de agente transformador da sociedade.

Foi possível constatar que apesar da escola abertamente assumir uma linha tradicional, seus objetivos estão comprometidos com a formação para a vida. Destaca-se em seus textos norteadores:

O ensino Fundamental de 1ª a 4ª série, tem por objetivo, o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos, o domínio da leitura, da escrita e do cálculo, bem como de suas aptidões psicomotoras, visando o crescimento integral



do educando, fortalecendo vínculos de família, enfatizando a convivência e a cooperação mútua. (Projeto Político Pedagógico, 2001)

A Escola de Educação Básica pesquisada não possui um número elevado de evasão ou repetência, seus alunos em sua grande maioria são oriundos de classe média a alta. O número de alunos nas turmas do primeiro ano das séries iniciais atendem aos padrões recomendados em média 21 a 25 alunos por sala de aula. Isso não significa dizer que este contingente contribui para o processo de aprendizagem, pois ainda assim consideramos um número de pessoas superior a possibilidade de uma professora atender as necessidades e singularidades de forma individual.

A oportunidade de observar outros profissionais da área serve como base, como um termômetro ou parâmetro que diz o que funciona e o que poderá ser ajustado ou modificado em nossa ação. Perceber a relação das crianças com a aprendizagem; o seu desenvolvimento e o papel do professor, é extremamente válido, neste processo de construção de saberes que se fundamentam na vida e se estruturam no interior da sala de aula.

Acompanhando o trabalho em sala de aula percebeu-se o que diz Ferreiro (1999, p. 31):

Nas duas disciplinas nas quais o destino escolar da criança de primeira série vai ser decidido (cálculo elementar e lectoescrita) muitos são os docentes que se vêem obrigados a uma prática pedagógica dissociadora: são piagetianos (ou tentam sê-lo) na hora da matemática; são associacionistas (às vezes, sem o querer) na hora da leitura. (FERREIRO, 1999, p.31).

As crianças aprendem na maioria das vezes por meio de memorização e repetição dos conteúdos. Isso se torna visível quando é solicitado às crianças escreverem determinadas palavras compostas por sílabas já estudadas e estas não conseguem escrevê-las. Escrevem aquelas palavras chave as quais memorizaram no decorrer dos dias letivos. Concorde-se com Freire (2001, p.95) quando ressalta que, “com a curiosidade domesticada posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real ou o conhecimento cabal do objeto”.

Observando os materiais didáticos utilizados para alfabetização constatou-se que estes foram construídos apenas pelas professoras e a maioria das atividades não dependem essencialmente do aluno para serem construídas. Numa atividade onde foi proposta a “construção” de um livro, a criança deveria colorir as imagens impressas nas folhas já grampeadas em forma de caderno e escreverem seus nomes. A atividade em si poderia ter sido mais bem explorada, uma vez que as crianças poderiam usar a imaginação e construir o mesmo conforme seus saberes e preferências.



Os alfabetos expostos nas salas de aula estão acompanhados por suas respectivas “famílias” através de um desenho ilustrativo de algum objeto, sujeito ou animal. Entretanto, as imagens são descontextualizadas e fogem da realidade dos alunos. Em alguns casos específicos houve dificuldades para entender a sequência e a lógica do material exposto para crianças de 6 a 7 anos. Ferreira (1999, p. 293) aponta que “a leitura e a escrita se ensinam como algo estranho à criança, de forma mecânica, em lugar de pensar que se constitui num objeto de seu interesse, do qual se aproxima de forma inteligente”.

Outro destaque relevante é no desenvolvimento de uma rotina de exercícios diários de forma técnica como o pontilhado, a pintura e o complete. Freire (2001, p. 37) diz ainda que “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador”. Percebe-se assim, uma carência na utilização dos recursos lúdicos, em sala de aula e nos espaços próprios para tais atividades.

No decorrer das observações nos foi possível testemunhar o quanto preencher linhas pode ser massacrante para as crianças, que chegam a comemorar quando a atividade proposta não será desta natureza. Nas atividades de colorir desenhos descontextualizados sentimos a quebra de algo precioso na infância: a criatividade e a imaginação. Em muitas ocasiões pudemos perceber a obrigatoriedade do real, de se pintar a uva de roxo e as folhas de verde, a flor vermelha com o miolo amarelo.

As aulas de educação física também nos chamam a atenção, pois, em sua maioria as atividades executadas servem a título de recreação e passatempo. O que pensamos ser um desperdício mediante tantas possibilidades de mediação para o desenvolvimento das crianças.

No entanto, sentimos o comprometimento por parte da supervisão e direção da escola com uma alfabetização de qualidade, estes estão sempre que possível verificando as práticas dos professores apostando em feedbacks e reconhecendo práticas positivas.

As professoras são dotadas de particularidades e singularidade, percebemos que atividades semelhantes tomam proporções variadas de acordo com o conduzir da professora mediante a resposta dos alunos. As docentes da alfabetização em suas reuniões pedagógicas traçaram estratégias para que uma acompanhe a outra, ou seja, que os conteúdos necessários sejam oferecidos aos alunos em períodos pré-estabelecidos. Quanto ao perfil de cada educador percebemos um ponto extremamente relevante entre dois deles: a afetividade, a proximidade o carinho e o amor que dispensam a seus alunos, embora suas posturas frente ao “domínio de



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

classe” sejam absolutamente opostas, prevalece uma relação íntima e extremamente favorável para que a aprendizagem possa ocorrer.

Os alunos ao chegarem à aula habituaram-se a uma rotina em que se inicia com a data, seu nome, o pintar ou marcar um x marcando as linhas em branco e posteriormente, de forma intercalada, às atividades que necessitam ser copiadas do quadro e outras já impressas em folhas. Os educandos dispõem de três cadernos, um para aula, outro para os deveres e um terceiro para colagens, em uma tentativa de motivar as crianças a se organizarem e que de alguma forma facilite a correção dos exercícios pela professora que normalmente propõe atividades e as revisa sempre que possível.

Uma das educadoras, aposta no método da recompensa, colando adesivos nos cadernos dos alunos os quais conseguiram realizar as atividades propostas em aula. A primeira vista parece-nos algo positivo, entretanto, se formos visualizar aqueles alunos que por algum motivo não acompanhar o ritmo, vemos que nestas condições este vivencia muito cedo a experiência da exclusão, uma separação entre os “bons” e os “nem tanto”.

Tais constatações só são possíveis mediante o estabelecimento de relações entre as linhas de pensamento sobre o processo de alfabetização. Do ponto de vista de uma educação crítica e interacionista, procuramos repensar a maneira de construir e desenvolver os saberes nas crianças, passando por uma análise de resignificação e real reflexão sobre a relevância de muitas lições soltas e sem sentido na vida dos educandos. É indispensável que os profissionais da educação construam um sólido saber no que diz respeito ao processo de aprendizagem do ser humano. Como a criança aprende? Precisamos levar em consideração que cada pessoa é dotada de saberes particulares e que ela só aprende aquilo que tiver um significado maior em sua vida. A contextualização das atividades é indispensável para que a criança interaja e construa suas hipóteses que supostamente acarretarão na aprendizagem deste ou daquele conteúdo que subentende se que seja importante para a mesma.

Para o desenvolvimento da autonomia dessa criança que se encontra em uma fase determinante no processo de resignificação enquanto sujeito e na complementação de sua leitura de mundo o educador deveria surgir como uma pessoa especializada e disposta a contribuir para o seu aprimoramento e evolução.

Entre as propostas metodológicas e as concepções infantis há uma distância que pode medir-se em termos do que a escola ensina e do que a criança aprende. O que a escola pretende ensinar nem sempre coincide com o que a criança consegue aprender... Parte-se do suposto de que todas as crianças estão preparadas para prender o código, com a condição de que o professor possa ajudá-los no processo. A



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

ajuda consiste, basicamente, em transmitir-lhes o equivalente sonoro das letras e exercitá-las na realização gráfica da cópia. (FERREIRO, 1999, P290-291)

Reconhecendo as hipóteses como legítimas e de irrefutável valia para o desenvolvimento das capacidades humanas, é forçoso mudarmos a concepção a respeito do erro, que é visto como algo inadmissível e negativo. O que faz com que automaticamente o evitemos e deixemos assim, de construir muitas hipóteses essenciais para a aprendizagem. De certa maneira bloqueamos algumas fases de experimentação da criança que não ousa por medo de falhar. Percebemos o quanto é determinante alguns vícios que predominam nas classes das salas de aula. Onde hipóteses importantes são ignoradas tornando-se uma barreira para o pleno desenvolvimento da criança.

Tradicionalmente, a alfabetização é entendida simplesmente como um processo de aprender a ler e a escrever, decodificar. Com isto podemos compreender porque um número grande de pessoas apresenta dificuldade para interpretar aquilo que leem, para relacionar, organizar, e refletir acerca de idéias. O que nos faz repensar sobre a insuficiência de alguns modelos utilizados para formação.

O conceito de alfabetização, por muito tempo, ficou atrelado à idéia de que para aprender a ler era necessário apenas a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons, e de que para aprender a escrever era necessário apenas desenvolver a capacidade de decodificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráficos. (BIZZOTTO, 2010, p. 36)

A linguagem, conforme os ensinamentos de Freire é o maior presente que o ser humano pode ter recebido, pois, aprender a ler é entender o mundo, aprender a escrever é mudar o mundo. Dentro de nossas aspirações valorizamos o letramento como substitutivo ao mero alfabetizar, ou seja, a essência da formação que almejamos passa pelo viés do letramento, sendo este um de nossos propósitos de viabilização prática.

Letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura escrita; é o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. (BIZZOTTO, 2010, p. 37)

Significa dizer que a pessoa desenvolverá suas capacidades de reflexão e de organização das ideias e dos pensamentos compreendendo aquilo que lê e transcrevendo sobre aquilo que entende. Ler e escrever envolve um processo de construção e reconstrução singular para cada indivíduo muito além de exercícios de repetição.



Alusão às possibilidades

A criança aprende na interação com o meio no qual convive, ou seja, sua aprendizagem inicia-se muito antes de ir à escola. Vivemos em um mundo “letrado” em que as letras estão por toda a parte nas placas das ruas, nos supermercados, nas vitrines das lojas, nas bulas de remédio, no nome do ônibus, nas revistas, jornais, na TV entre muitos outros lugares.

[...] nenhum sujeito parte do zero ao ingressar na escola de ensino fundamental, nem sequer as crianças de classe baixa, os desfavorecidos de sempre. Aos 6 anos, as crianças “sabem” muitas coisas sobre a escrita e resolveram sozinhas numerosos problemas para compreender as regras da representação escrita. Talvez não estejam resolvidos todos os problemas, como a escola o espera; porém, o caminho se iniciou.” (Ferreiro, 1999, p.291).

A criança interage nestes espaços e a mediação fará a diferença para que ela compreenda o que a escrita representa. A mediação inicial algumas vezes é iniciada pelos pais. Nos primórdios de sua vida escolar as crianças já possuem um conhecimento e são capazes de fazer uma leitura sobre tudo o que a cerca.

[...] não posso de maneira alguma, nas minhas relações políticos-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo "leitura do mundo" que precede sempre a "leitura da palavra". (FREIRE, 2001, p.90)

Partindo deste pressuposto passando pelo viés do letramento compreendemos que como disse Freire “precisamos ouvir a voz de quem vem à escola porque este traz o mundo rico.” Ignorar que cada criança está em um nível diferente, que cada um constrói o seu saber com suas especificidades e de acordo com a vivência individual é de certa forma, dificultar o processo de construção e de aprendizagem que poderá ser desenvolvido por caminhos mais agradáveis e interessantes para os alunos.

É extremamente difícil constatar que muitas crianças chegam à escola com um raciocínio muito rápido em função de todas estas informações disseminadas na atualidade e que durante o processo de alfabetização a criança acabe sendo imbecilizada por repetições desnecessárias e massacrantes. Alterar nossos paradigmas, vencer nossos preconceitos significa educar a si mesmo e possivelmente seja o desafio mais precioso e complexo de se fazer. Rever as concepções sobre o erro, reconhecer a singularidade de cada ser humano que cruza nosso caminho, nos desfazer de modelos prontos e procurar criar nossos próprios meios



de acordo com nossos propósitos precisam ser a busca de todos. Superar alguns condicionamentos pode ser o nosso passaporte para a satisfação e resultados favoráveis na educação.

Nossa visão do processo é radicalmente diferente: no lugar de uma criança que espera passivamente o reforço externo de uma resposta produzida pouco menos que ao acaso, aparece uma criança que procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala à sua volta, e que, tratando de compreendê-la, formula hipóteses, busca regularidades, coloca à prova suas antecipações e cria sua própria gramática (que não é simples cópia deformada do modelo adulto, mas sim criação original). No lugar de uma criança que recebe pouco a pouco uma linguagem inteiramente fabricada por outros, aparece uma criança que reconstrói por si mesma a linguagem, tomando seletivamente a informação que lhe provê o meio. (FERREIRO, 1999, p.24).

A viabilização da alfabetização contextualizada pelos processos de letramento, do uso de histórias, textos e muita reflexão talvez contribua na construção de saberes sólidos para a vida das pessoas trazendo inúmeros benefícios para a vida em sociedade.

Para se trabalhar com educação o principal pré-requisito é a esperança de que as coisas podem melhorar. Passa pelo olhar sensível e pela crença nas pessoas, ou seja, pelo compromisso de ser gente.

Considerações Parciais Provisórias

A vivência em um grupo de pesquisa em uma escola da rede pública nos trouxe um banho de realidade, de conflitos do dia-a-dia, de adversidades, contradições, mas, nos trouxe também esperanças de que através da educação, inicialmente pelo processo de alfabetização, mesmo as pessoas não reconhecendo, como a base inicial do conhecimento científico, é através dela que se abre a possibilidade de uma mobilização com reflexos significativos na vida em sociedade.

Disseminar imagens negativas a cerca das escolas da rede pública, apontar culpados e criticar processos e escolhas é esporte favorito de muitas pessoas da opinião pública, do senso comum que desconhece a batalha dos educadores e até alguns professores que não se enquadram nesta categoria. Entretanto, há pessoas que possuem coragem e dignidade para dedicar suas vidas a um sonho coletivo. Que sonham e lutam por condições melhores para seu povo, pessoas que não se importam de acordar cedo, trabalhar em mil lugares, engolir sapos, conviver com pessoas difíceis, pessoas que estudam, dedicam o final de semana para planejar aulas, que chegam a perder noites de sono pensando em seus alunos. Estas pessoas são



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

aquelas que possuem propósitos, vidas contextualizadas, sonhadas e vividas com essência e excelência.

Dizer que a Educação precisa melhorar que às paredes das escolas deveriam ser derrubadas e as estruturas solidificadas é repetir um discurso que já estamos carecas de ouvir, de dizer, de repetir...

Podemos sem medo ou constrangimento dizer que esta instituição de ensino dentro de suas possibilidades faz um bom trabalho. Contudo que pudemos perceber neste curto espaço de tempo vimos que as pessoas não acordam pela manhã e se determinam a fazer as coisas malfeitas ou com intuito de prejudicar os outros, pelo contrario a maioria das pessoas acorda pela manhã e escolhe dar o melhor de si e de forma alguma podemos exigir de alguém algo que esta não possui para compartilhar.

A experiência em sala de aula nos fala da sublime convivência que nos permite contemplar olhos tão puros e amorosos como os das crianças. Que modificar uma vida, influenciar histórias não é algo que possa ser banalizado pela sociedade.

Referências

BEAUCHAMP, Jeanete. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

BIZZOTTO, Maria, Inês. **Alfabetização lingüística da teoria à prática**. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia- saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, Ed 17, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KRAMER, Sônia. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2010.

Margarida Pardelhas. **Projeto Político Pedagógico**. 2001.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e linguagem**. São Paulo, 1996.